

ENCONTROS SONHADOS

Nathércia Lacerda¹

Resumo: Trocas de cartas entre os primos Paulo Freire e Nathércia/Nathercinha, nos anos 60. Troca de afetos, saudades e histórias da vida no Brasil e no Chile/Santiago.

Palavras-chave: Cartas. Paulo Freire. Nathercinha.

Nathercinha, amiga querida,

Engraçado estar lhe escrevendo, nós que caminhamos de mãos dadas ao longo de toda uma vida. A mão de uma sendo a mão da outra. A mulher e a menina em cumplicidades. Uma sendo a outra, e ambas sendo únicas.

Na verdade, e como sempre, as amigadas nos apresentam pistas de novidades ainda não ousadas. Dessa vez foram as mulheres guerreiras do Café com Paulo Freire. Sim, eu sei, não gostamos de café. Desde criança somos assim. Chá é que nos apraz compartilhar. Tenho tomado chá de limão com hortelã para me aquecer à noite. Sim, as noites têm estado mais frias. É de saquinho, industrializado, mas é saboroso. Você percebe o aroma e o sabor? Uma *dilícia* diria Paulo em bom *pernamburuês*. Mas... Se uma está na outra, porque escrever a você uma carta? Aí é que entram as tais educadoras guerreiras. Estávamos conversando sobre Paulo e as cartas que ele escreveu nos anos 1960 para você (que ainda não era eu como sou agora) e a ideia surgiu assim, como uma boa ideia. E eu topei.

Passei uns dias pensando, rabiscando. Você sabe, eu e os papéis e blocos e pequenos cadernos para anotações. Daí que entendi que esta será (já sendo enquanto ela se faz) uma carta-pergunta. Na verdade, uma pergunta que desenrola em carretel outras tantas e muitas perguntas. Mas, também e com certeza, uma carta de imaginações.

¹ Graduada em Psicologia/UERJ, Especialista em Arte-educação e autora da obra "A casa e o mundo lá fora – cartas de Paulo Freire para Nathercinha – Grupo editorial ZIT. nathlacerda@terra.com.br

E sabe qual é a pergunta (desejo que guardamos juntas) que corre como um filete de água em nascente de rio? E se você tivesse ido ao Chile naquele tempo de distanciamento geográfico forçado? Se nossa mãe, tias e prima foram... Quem sabe poderiam ir outra vez? Talvez sim, talvez não. Tempos de muitos talvez. Mesmo assim, sob o temor que os adultos vivenciavam, podemos pensar aqui nesta carta que sim, essa viagem com uma menina poderia ter acontecido.

Releio um trecho da carta-convite de Paulo como resposta a primeira carta que você lhe escreveu.

Querida prima Natercinha

Recebi sua cartinha. Fiquei muito contente. Elza também ficou. Achei ótimo que você se lembrasse de me escrever. Recebi também uma carta, tão bonita quanto a sua, de Ana Clara. Será muito bom quando um dia você puder vir à Santiago. Então, não só você conhecerá outro pedaço do mundo, como verá outras gentes, que falam outra língua que não é a sua, que têm outros costumes. Mas, sobretudo, você verá a nós e nós a você. E, então, conversaremos sobre muitas coisas e você fará passeios e verá a Cordilheira dos Andes, muito alta, muito bonita. No inverno, ela fica branquinha como se fosse um grande papai Noel de barbas bem alvas, imensas e brilhando nos dias de sol. É muito bonito tudo isso. É bonito ver a neve caindo em cima da gente. Caindo em cima das árvores. As árvores vão ficando curvadas e tôdas branquinhas. Parecem até umas velhinhas, bem velhinhas, que já não podem ficar em pé. (...)

Da casa azul onde estou lhe mando nesta carta um beijo. E um abraço bem forte para seus pais, a quem quero muito.

Do seu primo, Paulo

Santiago Casa Azul - Outono 67

Esta carta de agora que lhe escrevo navega em desejos do que poderia ter sido. Como seria esse encontro? Com certeza começaria com o abraço apertado em Paulo e em Elza. E o impacto de ver aquela parede rochosa imensa? A lindeza a entrar pelos olhos e a se espalhar pelo corpo todo.

Diante da cordilheira, se ainda um dia eu lá estiver, ficarei horas a observá-la com seus cumes nevados. As montanhas estão sempre presentes na nossa vida, você sabe bem. Vivemos a vida toda junto às montanhas do Rio de Janeiro – o Corcovado, o Pão de Açúcar, o Morro Dois Irmãos, a Pedra da

Gávea. Olhar as montanhas me aquieta. Elas me acolhem e com elas converso sobre a mulher que sou; sobre o caminho que segui até hoje, até a esse agora, nesse turbulento e inquietante ano de 2021. Tempos que exigem de nós coragem, persistência, força e esperança. Quem poderia imaginar que este ano de agora se assemelharia aos anos 1990 com tensões e medos semelhantes a retornarem como uma avalanche inesperada? Inesperada? Ou será que fomos, todos nós, desatentos?

(...) Hoje é sábado. Um dia lindo de primavera. Um céu azul. Tudo claro, com um sol mansinho, que quase deixa a gente olhar pra êle. A cidade está ficando cheia de flores, de tôdas as cores. O jardim de nossa casa azul está com a grama toda verdinha. As roseiras começam a abrir suas rosas. A gente olha pras roseiras e parecem gente rindo. Meninos rindo, com a pureza do riso das crianças. Se os homens grandes, as pessoas grandes pudessem ou quisessem rir como as roseiras, como as crianças, não lhe parece que o mundo seria uma coisa linda? Mas eu acredito que um dia, com o esforço do próprio homem, o mundo, a vida vão deixar que as pessoas grandes possam rir como as crianças. Mais ainda – e isto é muito importante – vão deixar que todas as crianças possam rir. Porque hoje não são tôdas as que podem rir. Rir não é só abrir ou entreabrir os lábios e mostrar os dentes. E expressar uma alegria de viver, uma vontade de fazer coisas, de transformar o mundo, de amar o mundo e os homens, somente como se pode amar a Deus.

Hoje é sábado, uma beleza de dia. Deixei por um momento o estudo de um livro novo que estou escrevendo, para conversar um pouquinho com você, minha amiga mais môça.

Estava trabalhando e, de repente, me lembrei de você. Quando um dia qualquer, de repente, você se lembrar de mim, então, escreva, converse comigo. (...)

Para você, um cheiro de seu amigo

Paulo

21 – 10 – 67

Mas voltando às caminhadas sonhadas pelas ruas de Santiago e as curiosidades por um país de neve... Você, menina quieta e observadora, a perguntar sobre as flores chilenas e a contar sobre o jardim de nossa avó que Paulo tão bem conhecia. Ele mostrando a você os jardins que descreveu nas cartas e lhe levando a pensar o mundo para além da casa que acolhia sua

meninice em agasalho e alimento. Quantas interrogações ele iria delicadamente descortinar em seus pensamentos ainda meninos?

(...) Santiago agora está muito frio, mas muito bonito. Estamos no fim do outono. O inverno vai chegar mais frio ainda. As árvores estão com suas folhas douradas, caindo nas ruas, nos jardins, nos parques. Muitas já estão sem folha nenhuma, como se estivessem mortas, mas não estão. Aguardam a primavera que só chega em setembro, para vestir-se com novas folhas de novo. E enfeitar a cidade e alegrar as pessoas.

A cordilheira dos Andes está ficando linda. Toda, branquinha vestida de neve. Ontem de tarde eu fui com Elza, Madá e o marido dela “brincar” de fazer boneco de neve, num morro que fica perto de nossa casa. Depois de um dia muito frio e chuva, o morro ficou parecido com um papai Noel, só que em lugar de algodão era neve. E muito bonito tudo isso. Às vezes eu me sinto como se fôsse um menino também. Tenho vontade de correr. De brincar. De cantar. De dizer a todo mundo que gosto de viver. Você nunca deixe morrer em você a Natercinha de hoje. A menina que você é hoje deve acompanhar a mocinha que você vai ser amanhã e a mulher que será depois. Seria muito bom que você um dia viesse aqui. Assim, conversávamos e dávamos passeios e eu mostrava a meus amigos a minha amiga mais moça. Quem sabe? (...)

Do amigão, Paulo 4 - 6 - 67

Ainda guardo com carinho esse desejo de caminhar pelas ruas de Santiago. Quem sabe a procurar o endereço da casa azul onde a família morava? Você se lembra da foto do acervo familiar onde mãe e tias estavam com a família Freire junto a uma roseira florida? Será que a casa e a roseira ainda persistem através do tempo?

Falando em fotografia, e a foto do primeiro astronauta a pisar na lua que Paulo colocou dentro do envelope junto a uma das cartas? Tive uma ideia agora. O que acha de sonharmos um encontro com Paulo para observarmos a Terra de longe? Nós, que nascemos no dia de São Jorge, sempre nos encantamos em procurá-lo na lua. Sim, até hoje eu o procuro em noites de lua cheia. As manchas lunares a delinearem o desejo. Será que encontraremos São Jorge nessa viagem sonhada? Encontraríamos o Santo Guerreiro a trocar ideias com Paulo sobre o universo e os povos interestelares? Chegaríamos lá e eles nos fariam festa como se já nos esperassem há tempos. Ou será que lá no

alto o tempo será outro, sem medições de controle? Um tempo expandido e certamente sem pressa. E nos juntaríamos a eles a observar o planeta azul. E, claro, faríamos indagações, pensaríamos sobre o humano. E nos perguntaríamos sobre quando, nessa dimensão imensurável de tempo, estaremos irmanados com a terra e com o universo, com gentes, bichos e plantas. Antes de retornarmos, aproveitaríamos a oportunidade ímpar para brincarmos em roda, com os pés levemente acima do solo (claro que, sendo um sonho, não precisaríamos de roupas de astronautas). E seria como se voássemos rente ao chão lunar, em meninices risonhas.

Agora, de volta a este momento em que escrevo, percebo a nós duas, neste encontro quase presencial entre dimensões do tempo, cada uma atrás de uma frondosa árvore a espreitar a outra, como um convite para juntarmos nossas infâncias (a sua sempre menina e a minha em mulher madura) e saímos caminhos afora a brincar, a conhecer mais e mais do mundo, em busca de reinvenções fraternas.

Com ternura, Nathércia